

Revista de Literatura,
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e
Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 179-191

O MEIO-FIO DE SIMÃO BACAMARTE:
A CIÊNCIA E O LOUCO

Simão Bacamarte's curb:
science and the madman

Gabriela Ribeiro Nunes¹

RESUMO: A novela *O Alienista*, de Machado de Assis, possui uma vasta fortuna crítica que se propõe a estudar a presença da loucura na narrativa, além de seu pano de fundo histórico. Muitos desses estudos veem a personagem principal, Simão Bacamarte, como um cientista ou caricatura da figura científica. Entretanto, o presente artigo pretende ir de encontro a essa visão, defendendo a hipótese de que o médico, assim que cede à loucura já no princípio da narrativa, apenas é um alienado com pretensão de alienista, não podendo ser, assim, um representante da Ciência da época. Para isso, será feito

um estudo atento das figuras taxadas como loucas pelo Doutor Bacamarte.

PALAVRAS-CHAVE: *O Alienista*; Machado de Assis; Ciência; Loucura; Simão Bacamarte.

ABSTRACT: *O Alienista*, by Machado de Assis, has a vast critical fortune that aims to study the presence of madness in the narrative, in addition to its historical background. Many of these studies see the main character, Simão Bacamarte, as a scientist or caricature of the scientific figure. However, the article intends to go against this view, defending the hypothesis that the doctor, as soon as he gives in to madness at the beginning of the narrative, is only an alienated person with the pretense of being an alienist, and thus cannot be a representative of Science of the time. For this, a careful study will be made of the figures labeled as crazy by Doctor Bacamarte.

KEYWORDS: *The Alienist*; Machado de Assis; Science; Madness; Simão Bacamarte.

O Alienista, novela seriada de Machado de Assis, publicada no jornal *A Estação* em 1882 e, posteriormente, no mesmo ano, reunida em livro junto a outros contos em *Papéis Avulsos*, forma parte de um dos diversos escritos do autor dedicado ao tema loucura, caro ao escritor desde a sua primeira publicação, no jornal *A Marmota*, do conto “Três tesouros perdidos” (1858)². A narrativa da novela, em suma, conta a história do ilustre Dr. Simão Bacamarte e sua engenhosa ideia de criar uma casa de orates em Itaguaí a fim de estudar e tratar os loucos da região. Uma grande confusão é gerada quando o médico decide demarcar os limites da razão e da loucura, propondo a hipótese de que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia” (ASSIS, 2008, p. 17), resultando, *a posteriori*, na internação de quatro quintos da população itaguaiense na Casa

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: j15c17g11@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9248195010973909>.

² Machado de Assis continua a escrever sobre o tema nos contos “O Anjo Rafael” (1869), “Verba testamentária” (1882), “A ideia de Ezequiel Maia” (1883), “O lapso” (1883), “Conto Alexandrino” (1883), “Evolução (1884)” e no romance *Quincas Borba* (1891).

Verde. Tal feito o faz mudar a doutrina para um novo extremo, oposto ao anterior, trazendo como hipótese patológica “todos os casos em que aquele equilíbrio [das faculdades] fosse ininterrupto” (ASSIS, 2008, p. 39). A princípio, consegue reunir um pequeno grupo de pessoas, mas, ao aplicar a parte terapêutica que consistia em incutir no enfermo o sentimento oposto à sua perfeição moral, cura todos e se vê sem nenhum louco em Itaguaí, fato que estranha bastante. No final, o estatístico Simão Bacamarte, mais apegado à Matemática do que à Ciência, se dá conta de que possui todas as características “do perfeito equilíbrio mental e moral” (ASSIS, 2008, p. 47), reunindo em si mesmo “a teoria e a prática” para, no fim, morrer depois de dezessete meses, “no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (ASSIS, 2008, p. 48).

A fortuna crítica de *O Alienista* tem muitos estudos que se dedicam a analisar não somente a presença da loucura na narrativa, mas também seu pano de fundo histórico. De fato, é possível estabelecer diferentes associações entre as personagens e figuras históricas do Brasil e do mundo, como faz Ivan Teixeira em *O altar e o trono: dinâmica do poder em O Alienista* (2010), relacionando a figura de Simão Bacamarte a Dom Pedro II; ou quando, no mesmo livro, o autor trata sobre a concatenação da realidade ficcional da novela com a realidade brasileira dos séculos XVIII/XIX, que, aliás, também foi realizada por Katia Muricy em *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo* (1988). Porém, o presente ensaio, indo de encontro à visão de que Simão Bacamarte é a caricatura de um cientista ou representação da Ciência, pretende defender a hipótese de que o médico, assim que cede à loucura, não pode mais ser visto ou comparado com um cientista, sendo apenas um alienado com pretensão de alienista, sem a capacidade de estudar as doenças cerebrais por já estar com a razão comprometida.

Não parece absurdo pensar que, desde o começo da narrativa, Simão Bacamarte revela um grau elevado de desrazão, visto que sua primeira fala já se mostra problemática no ponto de vista da lógica. Segundo João Cezar de Castro Rocha (2020, p. 244), há uma desconstrução do silogismo aristotélico elementar por parte do médico ao declarar: “A ciência [...] é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (ASSIS, 2008, p. 7), pois a conclusão fere a lógica das duas premissas anteriores. Vejamos:

- (I) Simão Bacamarte recusa a oferta de emprego oferecido pela Sua Majestade de reger a universidade ou expedir negócios da monarquia.
- (II) A ciência é o emprego único de Simão Bacamarte, por isso não quer posições que o afastem de sua verdadeira vocação.

Logo, Itaguaí é o universo de Simão Bacarmarte.

Os silogismos montados pelo alienista, em consonância com Rocha (2020), são, portanto, carnavalizados, uma vez que a conclusão não respeita as regras da lógica. A partir desse argumento, é possível inferir duas possibilidades plausíveis, uma consequência da outra. A primeira, como já dito, é a de que Bacamarte se encontra desde o início da narrativa com as faculdades mentais comprometidas já que seu raciocínio não apresenta logicidade. Como resultado disso, sua capacidade como cientista já pode ser posta em xeque dado que o olhar científico deve levar a desenlaces que se provados posteriormente como não verdadeiros, pelo menos, que sejam aceitáveis numa primeira impressão. Ainda que a personagem no início ainda não estivesse entregue ao estudo da patologia cerebral, fica a pergunta: Como confiar em sua capacidade analítica se ele não consegue concatenar duas ideias básicas a uma conclusão razoável? Isso, no mínimo, já comprometeria sua habilidade como cientista.

Um outro exemplo da falta de dotes científicos do médico se encontra ainda na primeira página da novela quando o leitor é apresentado a Dona Evarista, “senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz-de-fora, e não bonita nem simpática” (ASSIS, 2008, p. 7). Simão Bacamarte a escolhe para ser sua esposa, pois, segundo ele mesmo, “D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista”, estando assim “apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes” (ASSIS, 2008, p. 7). Entretanto, a mulher mentiu às esperanças do médico, não gerando filhos no decorrer de seus anos de casamento. Dr. Bacamarte mostrou não ter um bom senso de observação, visto que D. Evarista já havia sido casada e, mesmo assim, não teve herdeiros com o primeiro marido. Além disso, parece que o exímio doutor, tão comprometido aos seus estudos, se esquece de um dos princípios básicos da biologia na hora de se engravidar uma mulher: é que é preciso igual compromisso na alcova.

É interessante notar também que enquanto no primeiro capítulo Simão Bacamarte é referido sempre como “médico”, no segundo já é promovido a “alienista” pelo narrador. No decorrer da narrativa, poucas vezes vai ser aludido como médico novamente; o narrador sempre prefere chamá-lo de alienista (quase que numa espécie de lavagem cerebral). Nas sete vezes em que é chamado de médico (alusão retomada somente no quinto capítulo), vem acompanhado do adjetivo “ilustre” (cinco vezes) ou “insigne” (uma vez), algo que não sucede no primeiro capítulo. O único momento em que a palavra médico aparece sem adjetivo foi quando o acusaram de monomania (espécie de rebaixamento de sua autoridade), visto que desconfiaram das pretensões científicas da personagem. Não se pode esquecer que o narrador machadiano, principalmente o de terceira pessoa, como é no caso de *O Alienista*, não perde a oportunidade de ser irônico quando pode e até mesmo quando não deveria. É quase como se

não conseguisse resistir à tentação de fazer troça. Na novela não faltam exemplos dessa ironia. Deixa-se aqui uma que se coaduna ao assunto tratado. Não é só a profissão de Simão Bacamarte que parece ser louvada pelo narrador das crônicas da vila de Itaguaí. No capítulo quatro, ao ser questionado por Padre Lopes sobre a nova teoria, sobre o lábio fino e discreto de Dr. Bacamarte roça “a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas *egrégias entranhas*” (ASSIS, 2008, p. 17, grifo meu). Sintaticamente não há nada de errado com a frase, em contrapartida, semanticamente soa, no mínimo, cômico e espantoso o fato de até as entranhas do médico serem egrégias.

Simão Bacamarte, *a priori*, afirmou que seu principal objetivo ao construir a Casa Verde era “estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal” (ASSIS, 2008, p. 10). Efetivamente, apesar da ingenuidade de pensar ser possível achar um remédio universal para tratar a loucura, o médico apresentou uma questão científica. O estudo por meio da observação, leitura, classificação é, de fato, científico, apesar das habilidades dele serem questionáveis, como mostrado mais acima. Dr. Bacamarte, num primeiro momento, segue a linha tradicional de concepção da loucura, definindo-a:

como resultado de “patologia cerebral” (Machado de Assis, 1882, p. 3), que, excluindo a razão das faculdades mentais, gera o desequilíbrio e constitui-se em anomalia desinteressada do comportamento. [...] As pessoas acometidas de tal enfermidade, explicando-se como *lunáticos*, constroem um mundo paralelo de inocência e isolamento. (TEIXEIRA, 2010, p. 298, grifo do autor)

Seguindo essa linha de raciocínio, as pessoas que são internadas na Casa Verde de quem o narrador relata realmente parecem doidas, salvo, justamente, o primeiro caso mencionado, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 1: Os primeiros internados na Casa Verde

Loucos de Itaguaí antes da teoria nova	Motivo	Categoria ou causa
Rapaz bronco e vilão	“Todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego, latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e	Não mencionada

	Tertuliano”. (ASSIS, 2008, p. 11)	
Falcão	“[...] supunha-se estrela-d’-alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios [...]” (ASSIS, 2008, p. 11)	Louco por amor
Desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho	“andava sempre [...], à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo”. (ASSIS, 2008, p. 11)	Louco por amor
Filho de um algibebe	“narrava sempre às paredes [...] toda a sua genealogia [Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu]”. (ASSIS, 2008, p. 11)	Mania das grandezas
Escrivão	“se vendia por mordomo do rei”. (ASSIS, 2008, p. 11)	Mania das grandezas
Boiadeiro de Minas	Mania de “distribuir boiadas a toda gente”. (ASSIS, 2008, p. 11)	Mania das grandezas
João de Deus	Dizia “ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros”. (ASSIS, 2008, p. 12)	Monomania religiosa
Licenciado Garcia	“não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus”. (ASSIS, 2008, p. 12)	Monomania religiosa

Fonte: Autoria própria (2022).

Como pode-se perceber pelo quadro, o rapaz bronco e vilão que fazia todos os dias um discurso acadêmico ornado de figuras de linguagem é o único que não parece um típico louco. É possível, portanto, pôr em xeque o julgamento de Simão Bacamarte, assim como fez o Padre Lopes, que não conseguiu crer sobre tal caso: “Quê! Um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!” (ASSIS, 2008, p. 11). É importante levar isso em consideração, pois o vigário é a personagem mais perspicaz de toda a narrativa. Ele é o primeiro que verbaliza, ainda no capítulo inicial, para D. Evarista que era possível que o juízo de Dr.

Bacamarte estivesse comprometido: “Olhe, D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo” (ASSIS, 2008, p. 9). É também o último que conjectura que nunca ouviu outro louco em Itaguai além do alienista. Entretanto, ainda que possa haver certa controvérsia em relação ao primeiro caso, os seguintes não deixam dúvidas de que se tratam de pura e simples loucura. E é justamente nesse momento, antes de formular sua teoria nova, que Simão Bacamarte, embora já dando indícios de desrazão, chega um pouco mais perto da figura de um cientista:

[...] o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regime, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham nos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, à força de sagacidade e paciência. (ASSIS, 2008, p. 12)

Dessa forma, ainda que a desrazão estivesse afetando cada vez mais as habilidades do alienista como a percepção, a falta de lógica nos silogismos básicos e, até mesmo, a falta de bom senso de compreender que só uma pessoa não conseguiria dar conta de estudar tantos loucos sozinha³, o alienista adotou uma postura científica ao tratar os quadros de loucura, dedicando-se a estudar com diligência a matéria.

Tudo muda completamente de figura quando se entrega completamente à monomania⁴ (categoria que estudava, mas que em nenhum momento percebeu em si mesmo) e cria sua teoria nova. A partir de então, Simão Bacamarte já apresenta sinais, não mais de desrazão, mas sim de loucura e deixa de ser um cientista não lá muito competente para se tornar um louco com pretensão de cientista. Primeiramente, antes de observar essa mudança, é importante entender a tal teoria. Segundo o alienista, por meio da experiência, pretende provar que a loucura deixou de ser uma ilha perdida no oceano da razão para tornar-se um continente. Até então, há ciência, afinal há empiria – uma das formas do fazer científico. A

³ “Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação”. (ASSIS, 2008, p. 10); e, posteriormente, tem “quatro quintos da população” (ASSIS, 2008, p. 39) itaguaiense recolhida na casa de orates.

⁴ “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência”. (ASSIS, 2008, p. 14).

personagem, então, segue argumentando:

[...] a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí, mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. E porque o boticário se admirasse de uma tal promiscuidade, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma cousa. (ASSIS, 2008, p. 16)

A questão é que o caso do demônio familiar de Sócrates e o abismo à esquerda de Pascal (os únicos exemplos que acompanham uma explicação) não são a mesma coisa. O *daemon* do filósofo era apenas um gênio ou uma voz interior que o aconselhava a se afastar do mal, prevenindo-o dos perigos físicos e morais de suas ações ou decisões, e não um Alcibíades que aparece em carne e osso na sala de um homem qualquer para morrer novamente depois de ver os trajes que este veste. Já o caso do filósofo foi em decorrência de um acidente sofrido que o fez enxergar um abismo ao seu lado abrindo-se para engoli-lo. Simão Bacamarte, em contrapartida, não percebe essas diferenças gritantes e coloca tudo em uma mesma categoria. Ele, então, após enumerar os exemplos que achou adequado, amplia o território da loucura e dita que “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí insânia, insânia, e só insânia” (ASSIS, 2008, p. 17)⁵. Com uma teoria totalmente extremista, o que falta é justamente o equilíbrio, reflexo da própria falta de equilíbrio da mente do ilustre médico. Esse seria, então, o segundo conceito de loucura em *O Alienista*, segundo Teixeira:

O segundo conceito define a insânia como desvio moral, como submissão do indivíduo ao vício. Desconsiderando qualquer padrão ideal de conduta, essa espécie de loucura, explicando-se como *desrazão*, produz a ética do interesse imediato. [...] Essa espécie de loucura não se caracteriza em termos explícitos na novela, mas a prática sistemática de reclusão dos pacientes faz supor uma lógica em seu processo. Já não se manifesta como “patologia cerebral”, mas como desrespeito aos princípios éticos consensualmente

⁵ O método utilizado pelo alienista para a formulação da teoria é o indutivo (a partir da observação de um determinado número de casos se chega ao conhecimento científico), podendo ser considerado, a princípio, uma postura científica de Dr. Bacamarte. David Hume, entretanto, no seu *Tratado da Natureza Humana* coloca em xeque o problema da indução, alegando que esse método não é uma fonte segura de conhecimento científico por desconsiderar os limites da observação (impossibilita uma generalização confiável) e pelo fato de que uma sequência de eventos do passado pode não ser a mesma no futuro. É importante saber disso, pois, por mais que a indução seja, de fato, um método científico, ainda que não muito bem quisto por alguns cientistas, é também um dos mais problemáticos e um dos mais passíveis de ser realizado por leigos. A indução permite que qualquer um que se considere cientista chegue a enunciados universais os mais absurdos possíveis com base em poucas observações, como fez o alienista.

admitidos como ótimos na cultura do Ocidente: honestidade, coerência, sinceridade, austeridade, lealdade, modéstia, parcimônia, sapiência e moderação vocabular. A falta de qualquer desses atributos, cuja presença implica o domínio da razão, exclui o indivíduo da racionalidade social e o caracteriza como vicioso, anômalo, excepcional e desequilibrado. (TEIXEIRA, 2010, p. 300, grifo do autor)

A partir desse momento, é a empiria que vai mostrar não só o ensandecimento do alienista (a experiência diz mais sobre ele do que sobre os outros), mas também que não há mais como relacioná-lo a um cientista, porque não há mais Ciência ou postura científica da parte dele, só um encarceramento em massa. Basicamente, é um louco que se acha cientista. A busca pelo equilíbrio mental, ironicamente, mostra a falta de equilíbrio de Simão Bacamarte tanto na hora de elaborar a nova teoria quanto na hora de identificar os loucos. O auge desse desequilíbrio é quando são internados na Casa Verde quarto quintos da população itaguaiense. Abaixo, encontram-se os loucos de Itaguaí que foram capturados depois da teoria nova:

Quadro 2: Personagens internadas depois da teoria nova de Simão Bacamarte

Loucos de Itaguaí depois da teoria nova	Motivo	Categoria ou causa
Costa	Recolheu a herança que ganhou do tio, “entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, [...] a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada” (ASSIS, 2008, p. 18).	Não mencionada
Prima do Costa	Acreditou na praga que um homem rogou ao seu tio de que o dinheiro dele não havia “de durar mais de sete anos e um dia” (ASSIS, 2008, p. 19).	Alucinada
Mateus	“De manhã [...] era costume do Mateus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamá-lo para almoçar”. De tarde, postava-se à janela “vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo” (ASSIS, 2008, p. 20-21).	Não mencionada
Martim Brito	Declamou um discurso sobre o nascimento de D. Evarista, dizendo que “Deus quis	Lesão cerebral

	vencer a Deus, e criou D. Evarista” (ASSIS, 2008, p. 23).	
José Borges do Couto Leme (p. 24)	Não mencionado.	Não mencionada
Chico das Cambraias (p. 24)	Não mencionado.	Não mencionada
Escrivão Fabrício (p. 24)	Não mencionado.	Não mencionada
Gil Bernardes	“Tinha vocação das cortesias” (ASSIS, 2008, p. 24).	Não mencionada
Coelho	“amava boa palestra, palestra comprida” (ASSIS, 2008, p. 25).	Não mencionada
Porfírio	Duplicidade e descaramento.	Doença cerebral
Sebastião Freitas	“extraordinária inconsistência das opiniões” (ASSIS, 2008, p. 37).	Não mencionada
Crispim Soares	Inconsistência das opiniões (momentânea adesão do boticário à rebelião dos Canjicas <i>versus</i> a aprovação que sempre dera ao alienista) e terror que Crispim Soares sentiu ao ver a rebelião triunfante: “terror também é pai da loucura” (ASSIS, 2008, p. 37).	Não mencionada
Secretário da Câmara	Não mencionado.	Não mencionada
Presidente da Câmara	Declarou “que não se contentava, para lavá-lo da afronta dos Canjicas, com menos de trinta almudes de sangue” (ASSIS, 2008, p. 37).	Demência dos touros
Dona Evarista	Manifestou “furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas”, logo que voltou do Rio de Janeiro, conversando somente sobre esses objetos; e passou a tarde e alta noite em dúvida de qual colar usar: o de granada ou o de safira.	Mania sumptuária

Fonte: Autoria própria (2022).

Se antes da teoria nova havia paralelismo entre os motivos que condenavam os loucos e suas categorias/causas, depois da teoria nova não há uma ligação coerente em diversos casos. A prima do Costa, por exemplo, só por ser supersticiosa, é julgada como alucinada. Já o presidente da Câmara, por causa de um sentimento de vingança contra os Canjicas, é diagnosticado com a demência dos touros (o que chama atenção é a presença do vocábulo “demência”, que parece ser injustificado). As razões das internações na Casa Verde também

são muitas vezes injustificadas, ainda que a hipótese tenha mudado. O caso de Mateus de querer ser admirado e invejado pelos outros e admirar sua conquista (a suntuosa casa com mobília *kitsch* vinda da Hungria e da Holanda) é uma marca, principalmente, dos séculos XVIII e XIX, típica da classe burguesa. Simão Bacamarte parece ignorar essas marcas setecentista, oitocentista, associando-as à loucura. A sorte de Jacobina foi a de pertencer a outro conto⁶, senão seria mais uma vítima do médico. Aliás, se as personagens dos contos presentes em *Papéis Avulsos* estivessem em Itaguaí, é provável que nenhuma delas estaria salva das garras do alienista⁷. Talvez, essa seja a tal unidade do livro, “pessoas de uma só família [de loucos segundo as definições de Bacamarte], que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa” (ASSIS, 2008, p. 1). A loucura e a monomania científica de Simão Bacamarte, portanto, acabam anulando o cientista e o alienista.

No décimo primeiro capítulo da obra, Dr. Bacamarte surpreende a população da localidade ao dizer que todos os loucos da Casa Verde iam ser postos na rua. Segundo o ofício enviado à Câmara, o alienista expôs:

- 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da Câmara igual dedicação [...] (ASSIS, 2008, p. 39-40)

É, no mínimo, curioso que de todas as possibilidades de investigação, pesquisas,

⁶ Jacobina é uma personagem do conto “O Espelho”, de Machado de Assis. A fim de encontrar sua alma exterior, cada dia, a uma certa hora, vestia-se de alferes, e sentava-se diante do espelho, lendo, olhando meditando para, no fim de duas, três horas, despir-se outra vez (ASSIS, 2018, p. 256). Já Mateus, postava-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre o fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo (ASSIS, 2008, p. 20-21). Tanto a atitude quanto o tempo que passavam em tal posição é semelhante nas duas personagens.

⁷ Imagina o que Simão Bacamarte pensaria do pai de Janjão, de “Teoria do Medalhão” (1881), que aconselha o filho a empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, [...]”, a *la* rapaz bronco e vilão com mistura de Coelho, que amava palestras longas? E Dona Benedita em conto homônimo que tinha inconstância de opinião como Sebastião Freitas e Crispim Soares? Não podemos nos esquecer também da monomania religiosa do cônego Vargas em “A sereníssima república” (1882), que acredita que pode entender a língua das aranhas, sendo considerado uma espécie de Deus por elas.

leituras e experiências passíveis de serem realizadas com as pessoas internadas e típicas do universo científico, o que refutou a teoria de Simão Bacamarte foram somente as estatísticas. Parece que faltou ao doutor ouvir o discurso do pai de Janjão em “Teoria do medalhão” de que a “há cousas em que a observação desmente a teoria” (ASSIS, 2019, p. 194). Pelo visto, a estatística foi mais útil ao médico. Lembrando que havia dois tipos de loucos recolhidos na Casa Verde (para o alienista era só um tipo) e que, por contraste, poder-se-ia ter chegado a conclusões mais interessantes sobre a loucura. No final, torna-se risível pensar que Martim Brito, o grande orador, seja tão sã quanto Falcão, o homem estrela-d’-alva, segundo o julgamento de Bacamarte.

A teoria, então, muda para uma ainda mais absurda, como se fosse possível: “se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto” (ASSIS, 2008, p. 40). Abaixo, segue o novo rol de loucos depois da reformulação da teoria.

Quadro 3: Personagens internadas depois da reformulação da teoria

Loucos de Itaguaí depois da reformulação da teoria	Motivo
Vereador Galvão	Votou contra a cláusula que propunha que “em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados”, alegando que “a Câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula”. (ASSIS, 2008, p. 41)
Padre Lopes	Não mencionado.
Mulher de Crispim Soares	Não mencionado.
Adversário do alienista	Escutando que o boticário ia arrancar as orelhas do alienista por ter recolhido sua mulher à Casa Verde, esqueceu as dissidências que tinha com o médico “e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria”. (ASSIS, 2008, p. 42)
Juiz-de-fora	Não mencionado.
Porfírio	Negou-se a ir contra o alienista, mesmo afiançando-lhe “todo o apoio de gente, dinheiro e influência na corte”, alegando que “Jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos, e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso”. (ASSIS, 2008, p. 44)
Simão Bacamarte	“Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que

	podem formar um acabado mentecapto”. (ASSIS, 2008, p. 47)
--	---

Fonte: Autoria própria (2022).

A grande questão que fica ignorada pelo alienista é: como Porfírio pode ter equilíbrio total das faculdades mentais se ainda antes havia sido internado por mostrar desequilíbrio dessas mesmas faculdades? Mais uma vez, falta a capacidade analítica em Bacamarte, fundamental para um cientista. Não dá para dizer que a mudança do barbeiro foi causada por uma “descura”⁸ do médico, uma vez que não é citada nenhuma terapêutica em seu trabalho com os loucos durante o regimento da nova teoria.

No fim, Simão Bacamarte começa a se questionar sobre sua teoria, depois de curar todos os novos loucos que encontrara. Fazendo, finalmente, uma análise da situação, coroa o ápice de seu descaramento e de sua falta de percepção científica quando acha em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral: “pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto” (ASSIS, 2008, p. 47). A grande ironia disso é que se ele tivesse realmente feito uma análise de toda a situação que passou em Itaguaí, desde que inaugurou a casa de orates, não chegaria a tão absurda conclusão. Como alguém tão perfeito poderia ter levado uma multidão de pessoas a exigir sua morte? A não ser que sofresse de um complexo de Jesus Cristo, não deveria ser algo que escapasse aos sentidos de um cientista. Como também não considerou o famoso e básico clichê de que ninguém é perfeito e que, por isso, sua teoria reformulada não fazia sentido? Como ele não percebeu, ao dividir os loucos pelas categorias, sendo uma delas a monomania, que talvez ele não sofresse disso? Como alguns moradores de Itaguaí, que não tinham os conhecimentos científicos que o médico possuía, que não tinham lido os árabes e outros, notaram que talvez o alienado fosse o alienista? A resposta de todas as perguntas é: porque Simão Bacamarte já não era mais regido pela razão. A falta de equilíbrio latente no doutor fez com que sua ciência e teorias fossem tão desequilibradas quanto ele. Afirmar que Simão Bacamarte é uma caricatura de cientista, que representa a ciência no Brasil do fim do século XVIII e início do XIX etc., é atestar, em certo ponto, uma qualidade científica para o louco, quando, na verdade, a única coisa que ele tinha era a autoridade científica. Assim como os itaguaienses, o leitor pode se ver fascinado e enganado pela apresentação de Simão Bacamarte como homem da ciência (o narrador parece tentar enganar o leitor ao mesmo tempo que dá pistas para a inevitável verdade). A narrativa

⁸ “Descura”, porque se o normal fosse o desequilíbrio e o alienista tivesse curado Porfírio para depois descobrir que a patologia fosse o total equilíbrio das faculdades, então Simão Bacamarte ao invés de curar o barbeiro teria justamente feito o contrário.

inteira também tenta desmentir isso. Se em algum momento o alienista conseguiu manter a farsa foi pela sua bagagem cultural (tudo que vem de fora é melhor) e por, no começo, ainda não ter cedido totalmente ao ensandecimento. Todavia, ao formular a sua nova teoria e levá-la a sério, instaurando o terror de um tirano, não há mais como ver um cientista. Ele tenta usar dos aparatos da ciência como a leitura, a hipótese, a análise, mas tudo que faz, não dá em nada, porque sua faculdade mental está comprometida; provavelmente, não absorve nada do que lê. Morre no obscurantismo. Seu “conhecimento científico” não leva a nada. Bobo foi quem preferiu acreditar na Ciência à Igreja.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. 2011. Disponível em: <http://www.machadodeassis.net/>. Acesso em: 8 jan. 2021.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2008.

ASSIS, Machado de. **Contos essenciais**. São Paulo: Martin Claret, 2019.

HUME, David. **Resumo de um tratado da natureza humana**. Tradução de Rachel Gutiérrez e José Sotero Caio. Porto Alegre: Paraula, 1995.

MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Machado de Assis: contos (quase) esquecidos**. 2. ed. São Paulo: Filocalia, 2020.

TEIXEIRA, Ivan. **O altar e o trono: dinâmica do poder em O Alienista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Recebido: 17/01/2022

Aprovado: 11/10/2022